

Mediações para o axé, do *offline* ao *online*¹

Maurício Ferreira SANTANA²
Universidade Tuiuti do Paraná, PR

RESUMO

A liturgia nas umbandas pressupõe um território sagrado e sua egrégora, composta por médiuns, entidades espirituais e consulentes, compondo um movimento de território-corpo para a promoção do axé, energia invisível gerada no processo comunicacional da egrégora. Lançamos um olhar sobre este fenômeno sob a perspectiva da mediação por tela, onde giras de umbanda são transmitidas em *lives* por meio de plataformas digitais, buscando investigar se o axé produzido em *lives* tem o mesmo endereçamento conceitual do produzido presencialmente pela egrégora territorial/corporal. Fazemos um apanhado dos conceitos de *arkhé* / axé (Rufino, Simas, Sodré) e analisamos comentários de espectadores de *streaming* em três vídeos do YouTube.

PALAVRAS-CHAVE: comunica o; axé; umbanda; *streaming*.

INTRODU O

Iniciamos nossa abordagem esclarecendo que Umbanda desdobra-se em *umbandas*, pelas vertentes que expressam a religião de diferentes formas. Essas vertentes possuem maior ou menor grau de influência de outras religiosidades, consideradas como matrizes componentes da Umbanda fundada, segundo vários autores, pela dupla Caboclo das Sete Encruzilhadas (a entidade espiritual) e Z lio Fernandino de Moraes (o médium) em 15 de novembro de 1908, na cidade de Niterói (JURUÁ, 2013, p.15; BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 21; OMOLUB , 2014). Essas matrizes podem ser consideradas afro-indígenas-europeias, um guarda-chuva composto pela pajelança indígena, pelas religiões africanas amalgamadas no Brasil col nia e posteriormente sincretizadas em candomblés de diferentes na es, pelo espiritismo francês de Allan Kardec e, finalmente, pelo catolicismo ibérico. Tais elementos, colocados no liquidificador chamado Umbanda, geram diferentes umbandas, dependendo das doses colocadas, “maneiras as mais diversas de organizar as giras, cantar os pontos, realizar oferendas, tocar tambor etc.” (SIMAS, 2022, p. 7-8). Temos assim, por exemplo, umbandas chamadas tradicionais (  moda do

¹ Trabalho apresentado no GP Comunica o e Religiões, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunica o, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunica o.

² Doutorando do Curso de Comunica o e Linguagens do PPGCOM-UTP, e-mail: jose_sandino@yahoo.com.br.

primeiro terreiro brasileiro, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, comandada inicialmente por Zélio, sem atabaques, com mesa branca, à guisa do espiritismo); sagradas, esotéricas, populares e, numa perspectiva que tende ao decolonialismo, umbandas com maior influência candomblecista.

Remetendo ao imaginário do terreiro com sua atmosfera composta de cheiros – defumadores, velas, incensos, suores, marafo (cachaça), fumo –, pais, mães de santo, médiuns vestindo branco, pontos das entidades riscados no chão e principalmente a seção rítmica da curimba (percussão) acompanhada das palmas dos filhos de fé, percebemos que Umbanda é um movimento incessante de sons e gestualidades. É, segundo Mircea Eliade, centro do mundo, espaço sagrado que possibilita o despertar da hierofania (2019, *passim*); a gira de Umbanda é puro movimento e o rodar dos médiuns incorporados é a própria circularidade de Exu, o protetor do terreiro, o primeiro ente a nos receber e que pode cancelar – ou não – nossa presença, pois é dono da tronqueira que normalmente é colocada na entrada, sendo o limiar que separa o mundo profano do sagrado.

O que pretendemos apresentar nesse artigo é a forma como a religiosidade umbandista *online* se apresenta: como a egrégora, composta por entidades espirituais, médiuns e consulentes, desmembradas do espaço sagrado, podem compor um novo movimento de manifestação religiosa. Dentro desse contexto, buscamos, na plataforma de vídeos YouTube, algumas giras transmitidas em *lives* priorizando os comentários dos espectadores, visando identificar de que forma a energia espiritual gerada nas giras, denominada “axé”, circula entre essa parte da egrégora.

AS MIRONGAS DA VOVÓ TEM AXÉ

Em nossa vivência de terreiro ao longo dos anos³, aprendemos uma linguagem própria, a qual se transforma em uma espécie de identificador quando encontramos pessoas de terreiro ocasionalmente. Expressões como “saravá”, “fala, macumbeiro!”, “axé, minha irmã!” servem como chaves que congregam e identificam umbandistas, também chamados de filhos de fé. A primeira expressão é saudação, como “salve!”; a segunda revela um grau de intimidade entre umbandistas, que ao longo dos anos foram associados, por algumas denominações cristãs, à macumba (no sentido de feitiçaria,

³ Participando na consulência desde 2017 nos terreiros Tia Serafina e Caboclo Girassol, ambos localizados na cidade de Curitiba, Paraná.

magia negra etc.) – em nosso caso específico, aceitamos o termo de maneira lúdica, a despeito de certas vertentes que não aceitam o aspecto pejorativo da expressão ou que a acham excessivamente africanizada –; por fim, quando dizemos “axé!” a um conhecido na rua, estamos desejando força e positividade.

O dizer axé, contudo, não explica a complexidade de significados desta expressão. Partimos da fala de um sacerdote de Umbanda que descreve a imensidão de sentidos que são considerados axé:

A noção da ideia de saúde física, mental e social (biopsicossocial) é devida ao equilíbrio do axé. O axé é remédio para o corpo e para a alma, profilaxia e medicamento ao mesmo tempo. O axé é a força mágica sagrada, veiculada nas forças vivas da natureza. É o poder volitivo (vontade) do Orixá manifesto na energia nos reinos mineral, vegetal, animal, em locais e nos vários elementos simbólicos. É um poder, um princípio que permite realizar, fazer crescer e desenvolver todos os seres e coisas. Como força é neutro, invisível, transmissível, extinguível (necessita ser reatualizado), mas é sensível. (RIVAS NETO, 2020, p. 167-168).

A partir dessas considerações, identificamos então que o axé é antes de tudo uma energia sobrenatural, mágica, manifestada nos elementos da natureza através do poder dos entes espirituais, e sua aplicação assegura o equilíbrio da saúde física, mental e espiritual humana. Isso significa que, quando recebemos um passe de um preto velho incorporado, estamos recebendo axé, quando maceramos determinadas ervas e as utilizamos durante o banho, para limpar nosso ori (cabeça, associado ao chacra coronário, também chamada coroa, a qual recebe a energia do orixá correspondente a cada um, o “pai ou mãe de cabeça”, lugar do corpo mais sagrado para os umbandistas), também recebemos axé, assim como no banho de cachoeira – domínio de Oxum –, de praia (calunga grande de Iemanjá, onde umbandistas e leigos pulam as sete ondas no ano novo), entre outros domínios dos orixás, além de oferendas diversas, acendimento de velas para o anjo de guarda etc. Rivas Neto deixa claro também que cabe a Exu movimentar o axé das entidades, pois tem “o poder de realizar, de concretizar, de comunicar, transportar ou ser o próprio axé é inerente à entidade sobrenatural que no panteão das religiões afro-brasileiras é denominada exu” (Ibidem, p. 168); esta visão é também compartilhada por Luiz Rufino:

O axé, enquanto elemento que substancia a vida, só é potencializado, circulado, trocado e multiplicado, a partir das operações de Exu. É o orixá primordial, que corre mundo cruzando as barras do tempo dinamizando as energias que encarnam e vitalizam tudo o que é criado (...). Como todo elemento vivo, também ele [o axé] necessita de mobilidade para se manter pujante. É nesse sentido, que Exu

emerge como um poder fundamental à dinâmica do axé e das existências/experiências. (RUFINO, 2019, p. 267-268).

Se o axé precisa de movimento, e Exu conduz essa circulação, entendemos que tal fluxo é gradação e retroalimentação: há o princípio, o meio, o fim, o *feedback*; é a própria teoria dos sistemas, é cibernética. Muniz Sodré busca uma contextualização do axé a partir da *arkhé*, inicialmente a partir da ancestralidade espiritual das religiões africanas. Antes, porém, de remetermos a Sodré, necessitamos pontuar que o conceito de *arkhé* vem dos filósofos pré-socráticos, em especial Anaximandro, que entendia a *arkhé* como princípio de tudo. Em apanhado feito a partir de Anaximandro e revisionistas pré-socráticos como Hegel, Felipe Luiz nos dá a diversidade dos significados de *arkhé*, como princípio, início, começo, ponto de partida, e mesmo aquilo que é anterior e origem (2018, p. 30).

Mas afinal, axé e *arkhé* são a mesma coisa? Diríamos que não, pois as expressões não representam a mesma chave conceitual; a última, porém, ajuda a entender a primeira. Nesse sentido, não são excludentes, mas perfeitamente complementares. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, embasados pelas considerações de Muniz Sodré na obra *O terreiro e a cidade* (1988), entendem que a “cultura de axé é uma cultura de *arkhé*” (2019, p. 89). Mas, remetendo à noção de complementaridade, fazem a seguinte distinção:

Em síntese, entendemos a cultura de axé como aquela que designa um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença em uma energia vital – que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o tambor e entre outras formas – que deve ser constantemente alimentada, restituída e trocada para que não se disperse. As culturas de *arkhé* (o termo é grego) são aquelas culturas tradicionais que se baseiam na ritualização da ancestralidade, na modelação de condutas estabelecida pelo conjunto de mitos e na transmissão dinâmica de matrizes simbólicas. (Ibidem, p. 89).

É a partir da noção de ancestralidade e energia vital que Muniz Sodré associa respectivamente a *arkhé* e o axé. As teses de Sodré, além da obra supracitada, são melhor desenvolvidas em *Estratégias sensíveis* (2006). Para o autor, *arkhé* significa nascimento, começo (p. 132); a esse conceito, Sodré caracteriza *arkhé* africana, a qual está intrinsecamente ligada ao corpo

como um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a região, a aldeia, a casa), igualmente feito de minerais, líquidos, vegetais e proteínas, para cuja formação e

preservação ocorrem elementos do presente cósmico e da ancestralidade (...). Arkhé, portanto, que, sendo origem sempre refeita pelos ritos, é renascimento e fonte de ações novas), até o ponto em que o vivido não é mais do que um conjunto de virtualidades. Em outras palavras, o que se vive está de alguma maneira inscrito nas espirais dos ciclos de destino em que se movem, complementarmente, homens e deuses, os orixás. (SODRÉ, 2006, p. 211).

Notamos aqui que o corpo é receptáculo do mistério da ancestralidade quando entra em contato com o mundo espiritual, através da incorporação, e sempre em movimento: é o fluxo da atividade espiritual que está a resgatar a raiz, a origem – no caso citado acima, é uma experiência eminentemente *afro*, a qual evoca os orixás – de maneira cíclica (renascimento, fonte de ações novas). Em Sodré, *arkhé* é potencial de realização: “esta é a ideia contida na palavra nagô axé, que dá conta de força e ação, qualidade e estado do corpo e seus poderes de realização.” (Ibidem, p. 212), algo que se aproxima conceitualmente do que Mircea Eliade (2019) chama de hierofania, “uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2019, p. 30), juntamente com a alegria ligada à sensualidade da dança pelas entidades incorporadas promovida pela música e pelo ritmo dos terreiros (SODRÉ, 2006, p. 219).

Axé, portanto, é magia (e energia) originária da manifestação dos orixás e demais entidades espirituais nas coisas da natureza, que serve para o equilíbrio mental, espiritual e físico dos seres humanos, necessitando de constante renovação, através do rito. Esse rito, na Umbanda, é o ato litúrgico denominado gira (ou engira). É na gira que nasce o movimento do axé, através da dança dos médiuns incorporados e impregnados com a fumaça do carvão que queima dentro do turíbulo o alecrim e outras ervas, das baforadas de charuto, dos goles de marafo e da batida alucinada dos ogãs. É gira de território e corpo, de terreiro e egrégora. Com as giras por *streaming*, temos uma reconfiguração desse território e desse corpo. Discutiremos essa questão adiante; necessitamos contextualizar antes o *streaming*.

SARAVÁ O STREAMING

O axé mediado por tela adquire novas dimensões que caracterizam aspectos de desterritorialização do espaço sagrado configurando não só nova forma de resistência como de sobrevivência identitária, como por exemplo no caso da pandemia de

coronavírus do biênio 2020-2021, onde em diversas ocasiões os terreiros foram fechados: é a crise que força ao deslocamento, e não a tecnologia, e nesse aspecto particular a transmissão de lives não têm conotação tecnodeterminista.

Evidentemente, os usos e aplicações de tecnologias de mídia ampliam, no âmbito religioso, as possibilidades de estender esse território a fim de, por exemplo, arregimentar mais fiéis. Esse uso de mídias para fins religiosos sempre existiu, se considerarmos a mídia “voz” para pregação ou as mídias “escrita” e “papel” para difundir a ideia religiosa. Apontando para o início do século XX, temos as mídias rádio e televisão. De acordo com Martino (2016),

As primeiras tentativas de uso das mídias para a transmissão de mensagens religiosas aconteceram na primeira metade do século XX, quando o padre católico James Coughlin estreou, nos anos 1930, um programa de rádio religioso nos Estados Unidos. [As] relações entre mídia e religião começaram de fato nos Estados Unidos a partir dos anos 1940, quando sacerdotes católicos e protestantes passaram a se utilizar dos meios de comunicação eletrônicos – na época, o cinema, o rádio e a imprensa –, para divulgar suas mensagens religiosas, adaptando-as às características de cada meio.” (p. 39-40).

Já com o advento da televisão, observamos o pioneirismo dos televangelistas estadunidenses como Rex Humbert e Jimmy Swaggart (MARTINO, 2016, p. 40) que criaram um formato que passaria a ser adotado também pelas igrejas protestantes no Brasil a partir da década de 1980; a televisão também possibilitou à Igreja Católica a transmissão de missas, tanto gravadas como ao vivo. Finalmente, com a internet, os usos são ampliados e desdobrados em uma série de mídias, como e-mails, mensagens de celular e, em nosso caso particular de estudo, o *streaming* através de redes sociais. A convergência de mídias estabelecidas e recém-criadas alteram o espaço-tempo e potencializam usos e funções (JENKINS, 2009, p. 341; OLIVEIRA, RANIERI, 2017, p. 5).

Cabe-nos observar de que forma essa coexistência de processos de mídia influencia e possibilita reconfigurações nas práticas culturais: como o terreiro de umbanda convive com a liturgia *offline* e *online* e como são produzidas novas formas de expressões religiosas a partir desta última. Uma característica importante da religiosidade online está na participação dos espectadores através de comentários feitos durante (e após) a transmissão das giras, o que denota uma nova forma de manifestação coletiva não presente no território-corpo e facultada pelo *streaming*.

Em uma definição bastante simples, podemos traduzir *streaming* como transmissão: “[a] mídia de streaming existe há 70 anos. A televisão convencional com a qual crescemos seria chamada de streaming media se fosse inventada hoje.” (AUSTERBERRY, 2004, p. 7, tradução nossa). No entanto, quando associamos *streaming* à internet, ou seja, transmissão via internet, temos um conceito um pouco diferente: “a atividade de ouvir ou assistir a som ou vídeo diretamente da internet.” (CAMBRIDGE..., 2022).

Este elemento novo, a internet, é o principal diferencial do modo como conteúdos são transmitidos (e consumidos). Se pela televisão convencional os conteúdos são transmitidos em duas modalidades (por meio de gravação ou “ao vivo”), através da internet – e aí incluímos as *smart TVs* – esses conteúdos são transmitidos também por demanda (*on demand*). Percebemos então que o *streaming* por internet oferece maior amplitude de possibilidades tanto de transmissão como de recepção de conteúdo. Neste aspecto, mais do que aquele, surgem novas formas de relacionamento espectador-conteúdo, alterando a prática cultural do assistir e consumir, pois “uma vez que ele determina sua função e a forma como atenderá uma determinada demanda ele se torna parte de um sistema maior de opções de comunicação.” (OLIVEIRA, T. C. L. L.; RANIERI, P. R., 2017, p. 5).

O que nos chama a atenção é que o consumidor desses conteúdos possui maior autonomia para gerenciar a forma com que irá assisti-lo: isso inclui maior diversidade de escolha (obviamente limitada ao catálogo do serviço contratado), o horário de exibição à sua livre escolha – incluindo também interromper e reiniciar a transmissão no momento em que desejar, se esse serviço for oferecido – e também a qualidade da imagem, limitada à disponibilidade da plataforma, do aparelho e largura de banda do serviço de internet que o espectador contratou.

O *streaming* por internet pode ser categorizado, segundo resumo feito por Coriolano Filho (2010) a partir de vários autores em a) *streaming* ao vivo, b) simulado e c) sob demanda. (p. 18-19). No (a) ao vivo, a transmissão ocorre de maneira semelhante à televisão tradicional em forma de broadcast, transmissão que ocorre em tempo real para todos os que estão acessando um determinado canal (de TV ou do YouTube, por exemplo), com data e hora definidos para início e término. No *streaming* (b), também como ocorre na TV convencional, uma determinada plataforma pode lançar um evento que já foi gravado (um show musical, por exemplo) ao vivo. Esta apresentação

normalmente terá horário e data definida para transmissão e não ficará mais disponível. Se houver disponibilidade para assisti-la em outra ocasião, será enquadrada como *streaming* (c), o *on demand*: neste caso, o espectador pode acessar o conteúdo a qualquer momento, de forma paga ou gratuita (dependendo da política do fornecedor).

É o caso da plataforma YouTube, largamente utilizada como um recurso de *streaming* para shows musicais, eventos esportivos, aulas, *gameplays* etc. A comunidade religiosa também lança mão do recurso para transmissão de conteúdos diversos, sendo as mais comuns transmissões ao vivo ou gravadas de missas católicas ou cultos evangélicos. No caso da Umbanda, além da transmissão das giras, percebemos que pais e mães de santo acabam adotando a estética do *youtuber*, “pessoa que usa frequentemente o site YouTube, especialmente alguém que faz e aparece em vídeos no site.” (CAMBRIDGE..., 2022). Alguns umbandistas já são *youtubers* há bastante tempo, não tocando giras, mas transmitindo conteúdos específicos de Umbanda, como cursos (alguns gratuitos, outros pagos), vídeos explicativos etc.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Efetuamos uma breve pesquisa de campo para fomentar a discussão sobre o efeito que as giras de Umbanda transmitidas ao vivo exercem sobre seus espectadores, escolhendo três *lives* transmitidas pelo YouTube. O critério para escolha dessa plataforma é a facilidade para organização e pesquisa de comentários, bem como a possibilidade de salvar os vídeos escolhidos em uma *playlist* privada, que contribui para consultas posteriores. A operação de pesquisa foi feita da seguinte forma: as palavras-chave utilizadas foram “gira umbanda ao vivo”; na filtragem, utilizamos na opção “data do *upload*” o filtro “este ano” (esclarecendo que este filtro não cobre só o ano corrente em que escrevemos este artigo, mas conta os últimos doze meses, optamos por esse filtro visando resgatar vídeos recentes) e na opção “ordenar por” escolhemos “contagem de visualizações”, inferindo que mais visualizações possibilitam maior número de comentários. As demais opções de filtro não foram marcadas.

Na obtenção dos resultados, descartamos os três primeiros vídeos da lista, pois não eram transmissões de giras. Escolhemos os três vídeos subsequentes, checando antes na aba “sobre” dos canais se estes eram transmissões de giras de umbanda.

Tabela 1: canais observados

	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3
Nome do canal	Oxossi Ibo Caçador	Canal do Pai Rafael Cigano	Sandro Luiz
Título do vídeo (<i>Ipsis litteris</i>)	Viva a Umbanda / Gira Completa	PT03 – Umbanda: Gira de Exú e Prisão de Ob... [espírito obsessor]	Live
Nome do terreiro	Barracão Oxossi Ibo Caçador	Sociedade Umbandista da Lei Suprema	Templo de Umbanda Caboclo Tupinambá e Sultão das Matas
Data do vídeo	9/7/2022	24/10/2022	30/7/2022
Visualizações	169.485	23.727	22.212
Comentários	295	68	78
<i>Screenshot</i>			

Fontes: https://www.youtube.com/watch?v=VcEKzZ_y47o (Vídeo 1);
<https://www.youtube.com/watch?v=dUJfxwcvYIU&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=16>
(Vídeo 2); <https://www.youtube.com/watch?v=u1Phv3-L8NQ&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=15> (Vídeo 3).

Na primeira transmissão, intitulada “Viva a Umbanda / Gira Completa”, os participantes do chat mostram-se bastante ativos, com todos saudando inicialmente a mãe de santo e em seguida remetendo a assuntos diversos, como agradecimentos pela transmissão, pedidos de ajuda espiritual e física, desentendimentos entre espectadores, reclamações em relação à qualidade da imagem etc. O uso do termo axé, no chat, é frequente, mas em sua maioria sem sentenças específicas, indicando mais a intenção de saudação, como um “alô”.

A exemplo do chat, os comentários fixos (que podem ser postados no momento da transmissão ou após seu término) trazem sentenças com vários efeitos de sentidos para axé. Tratamos então de distribuir os sentidos do termo em dois grupos: no primeiro consideramos o uso indireto do termo, que não remete ao conceito de axé em seu nível teórico e nem como recepção dessa energia; os usos indiretos mais comuns nos

comentários estão associados ao sentimento de gratidão e à saudação. O segundo grupo reúne comentários que fazem uso direto do axé, como por exemplo a recepção energética do axé através do *streaming* da gira. Esses usos ficam mais claros através dos extratos de comentários que apresentamos a seguir.

Alguns exemplos de usos indiretos (*ipsis litteris*): “axé mãe lu sua benção”, “fé que me deixa de pé povo lindo de axé” e “linda gira, muito axé pra todos”: no primeiro exemplo o sentido de axé é tanto de saudação como de solicitação; no segundo, de categorização de grupo (o povo lindo de axé pode se referir à corrente de médiuns na transmissão da gira e / ou ao grupo de espectadores) e na terceira, endereçamento. Em termos numéricos, dos 295 comentários deste vídeo identificamos 39 no grupo de uso indireto do axé e 30 no grupo do uso direto.

O segundo grupo de comentários é o mais importante para nossa discussão. Consideramos também neste grupo comentários que não fazem menção específica à expressão, mas que a substituem frequentemente por energia; entendemos, por meio da vivência em terreiro e com base na literatura citada anteriormente que ambos os termos são sinônimos. Sentir, receber ou transmitir energia (espiritual) é o próprio axé. Os extratos (*ipsis litteris*) a seguir ajudam a esclarecer a questão: “a energia é tão maravilhosa e forte que quase e tds os pontos sinto uns calafrios de alívio e esperança!”; “eu tô arrepiada desde que iniciou o vídeo. Muito abençoados, muito axé”; a força da energia que provoca calafrios e arrepios é, portanto, axé.

A segunda transmissão leva o título “PT03 – Umbanda: Gira de Exú e Prisão de Ob...”; apontamos que seja a terceira parte de uma *live*, pois o vídeo já começa com a gira em andamento (há uma legenda na transmissão com outro título, “Festa da Tia Mariana – Gira de Povo de Rua Pt. 1 – 22/10/2022), sem as etapas litúrgicas iniciais (por exemplo, preleções, defumação, canto para Ogum etc.); a abreviação “ob...” provavelmente se refere a “obsessor”. Na Umbanda, espíritos obsessores – também denominados quiumbas ou kiumbas – são aqueles que se prendem a pessoas que possuem algum tipo de problema financeiro, depressivo e mesmo aqueles que não seguem os preceitos recomendados pelos terreiros. No caso específico do vídeo, a pombagira Dona Maceió, diante da câmera, e com a ajuda de outros exus e pombagiras incorporados, prende (espiritualmente) um obsessor e liberta a pessoa que por ele estava possuída.

Foram também identificados nesta *live* comentários com usos diretos e indiretos da expressão axé. Houve apenas uma ocorrência de uso indireto à guisa de saudação;

nessa lista de comentários o axé como expressão indireta foi frequentemente substituído pela expressão “saravá”.

Finalmente, a terceira transmissão leva o simples título de “Live”. Nesta transmissão do canal Sandro Luiz e conduzida pelo pai de santo homônimo, identificamos nos comentários fixos 17 usos indiretos e 13 usos diretos de axé. Destacamos alguns usos diretos (*ipsis litteris*) como “boa noite Sandro [pai de santo que conduziu a gira], grátidada por fecha o mês com essa energia maravilhosa”; “obrigada Deus pelo dia de hoje eu tomo posse deste axe de hoje”; “boa noite axé energia positiva parabéns” e, por fim, “estou sentindo essa energia aqui”. A exemplo do vídeo 1, também há essa indissociabilidade semântica entre energia e axé.

Disposta a pequena amostra de comentários acima, podemos tecer algumas considerações a respeito de como os espectadores recepcionam os vídeos, sob dois pontos. O primeiro deles diz respeito à questão da recepção propriamente dita, onde o formato *live* transmite o formato da gira de umbanda, mas reconfigura a experiência. O segundo ponto é complementar ao primeiro, pois indica que, para alguns dos espectadores, a mediação por tela não é substitutiva da experiência presencial da gira, porém oferece um produto não totalmente dimensionado – pois claro, intangível – que por vezes se parece com o do território-corpo. Ou seja, o axé para alguns é manifestado e identificável mediante comentários, com a ressalva de que a tela é responsável pela mediação; a tela media o médium; o que nos aponta uma dupla camada mediadora, e que há a consciência do espectador em relação a isso. Essa dupla camada de mediação permite a transmissão de um axé que não pode ser mensurado pela sua intangibilidade; ele chega a alguns pela experiência da tela, e alguns comentários dos três vídeos são a chave para o entendimento desse contexto (*ipsis litteris*):

- a) *A mãe Lu passa uma energia tão boa pra gente ate em casa;*
- b) *Q sensação boa sentindo minha alma a dançar descalça vontade de estar com vcs mas estou em espírito axe;*
- c) *Vocês são maravilhosos e autênticos! Eu me sinto na gira, assistindo daqui de casa! Obrigado!;*
- d) *Estou assistindo a gira é como mãe Lu estivesse na minha casa, que energia linda;*
- e) *Bom dia mãe Lu sua benção que energia e como se eu tivesse aí meu coração acelerado mãe!;*
- f) *Que Gira maravilhosa! Me senti como se estivesse aí;*

g) *Eu mim chamo marta e sou de caruaru pernabuco quado estou acistindo eu sinto como se eu estiverse ai no salao.*

O que os comentários indicam é que alguns dos espectadores sentem como se estivessem no terreiro, recebendo o axé da gira; essa sensação, no entanto, indica um tipo de presencialidade que parece emular o sentimento de egrégora, de território-corpo. Importante mencionarmos que um momento da preleção do Pai Sandro Luiz no vídeo 3 de certa forma corrobora esta hipótese. O pai de santo sugere que seja estabelecida uma espécie de corrente, rede ou teia, com parte da egrégora presente no terreiro e parte do outro lado da tela. É a

maneira de poder se conectar com quem está longe, na mesma sintonia, com a mesma energia, com a mesma intenção a gente levar os nossos pensamentos (...) *essa é a grande intenção* (...). Lógico que a gente vai jogar energia, *jogar intenção*, pensamento que a espiritualidade for falando pra gente fazer nos momentos que a gente for trazer cada linha de energia pra atuar, pra vibrar. E quando a gente liga isso vira uma grande teia (...) com as pessoas que estão conectadas com a gente, isso acaba virando uma grande teia, independente de onde a pessoa estiver, saiba o ponto de força que é aqui no terreiro hoje e é ligado às pessoas que estão em casa fazendo essa mesma oração, essa mesma energia. (LUIZ, 2022, grifos nossos).

É na fala de Sandro Luiz que se propõe uma espécie de contrato de leitura com o espectador, onde se propõe que ele “vibre” ou procure sintonizar o mesmo tipo de energia gerada no terreiro, na gira. A partir do aceite do espectador em fazer parte dessa egrégora, mesmo que mediado por tela, percebe-se, pelos comentários coletados, a recepção energética. O que não podemos afirmar, por se tratar de algo intangível e que penetra nas individualidades e subjetividades humanas, formando algo que não se pode mensurar cientificamente, é o quanto esse axé mediado por tela é próximo do efeito gerado em território-corpo, em egrégora formada e composta pela tríade entidade-médium-consulente, dentro do espaço sagrado.

Outro aspecto que julgamos importante mencionar é o de nossa própria experiência ao assistir os vídeos durante a pesquisa de campo: utilizamos a conta com o acesso gratuito ao YouTube, o que nos coloca em uma categoria na qual são incluídos diversos comerciais durante a transmissão; apesar de não sermos obrigados a assisti-los integralmente, precisamos aguardar um período (geralmente de 6 segundos) para cancelá-los e voltar ao vídeo (a modalidade paga da plataforma, segundo a mesma, isenta o

espectador de assistir a comerciais). Nas *lives*, normalmente os comerciais da plataforma são colocados somente no início da transmissão, o que não compromete a experiência. Sendo assim, tivemos a percepção de que quem assiste às giras na modalidade *on demand* recebe uma espécie de “axé intermitente” e pode mesmo vir a ter sua conexão (espiritual) com a gira interrompida em diversos momentos – não são poucos; tomando como exemplo o tempo de duração do Vídeo 3, com aproximadamente 1h45min, contabilizamos cerca de 15 interrupções para exibição de comerciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando a Muniz Sodré, reiteramos que o axé é energia estritamente ligada ao corpo, “uma manifestação de força ou vontade, apoiado no corpo” (2006, p. 212). O corpo é receptáculo da vontade e do poder ancestral e da vibração da gira de Umbanda, por mais sutil que ela pareça ser. É justamente a intangibilidade do axé, com o respaldo de alguns espectadores os quais pudemos apurar, pelos seus comentários, que mesmo consensualmente, por algo parecido com um “contrato de leitura”, o axé está presente nos corpos mesmo que mediado por tela. A mediação por tela desmembra esse território-corpo, egrégora territorializada, e estabelece marcos multiterritoriais, além de uma reconfiguração no processo comunicacional entre médiuns e consulentes, pois a audiência é invisível a quem transmite, mesmo que ela virtualmente pise no solo sagrado; reconfigura-se também a comunicação verbal, substituída pelos *chats*. O espectador que envia a mensagem via chat está a chamar a atenção do pai/mãe de santo/youtuber/apresentador, que pode ou não o responder.

Consideramos, por fim, que esses multi/micro territórios, compostos pelos corpos dispersos de uma egrégora *online*, são umbandas: não mais se restringem a uma egrégora específica de determinado terreiro com uma determinada doutrina; com a mediação da tela, são umbandistas sem terreiro – que não possuem terreiros de umbanda em suas cidades – que recebem o axé, ao vivo ou *on demand*; são aqueles que em períodos de isolamento social (como no biênio da pandemia de 2020-21) encontram a conexão espiritual através das giras transmitidas, muitas vezes tendo contato com aspectos litúrgicos com os quais não estão acostumados. São até umbandistas pesquisadores (nosso caso), que têm na palma da mão, via smartphone, um infinito corpus a ser explorado. Exu, patrono das ciências da comunicação, continua a (re) circular o axé.

REFERÊNCIAS

AUSTERBERRY, D. **The Technology of Video and Audio Streaming**. New York: London: Focal Press, 2005.

BARBOSA JÚNIOR, A. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

CAMBRIDGE Dictionary. [S.l.]: Cambridge University Press & Assessment, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

CANAL do Pai Rafael Cigano. **PT03 - Umbanda: Gira de Exú e Prisão de Ob...** YouTube, 24 out. 2022. 1 vídeo (53min46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dUJfxwcwYIU&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=16>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CORIOLOANO FILHO, F. S. **Estratégias para transmissão e recepção de streaming de vídeos em dispositivos móveis**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sistemas e Computação). Salvador: UNIFACS, 2010.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JURUÁ, P. **Coletânea Umbanda “a manifestação do espírito para a caridade”**: as origens da Umbanda I. São Caetano do Sul: [s. n.], 2013.

LUIZ, F. Anaximandro, a teleologia e a história. **Diaphonía**, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/21309/13590>. Acesso em: 7 mar. 2023.

LUIZ, S. **Live**. YouTube, 30 jun. 2022. 1 vídeo (1h44min37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1Phv3-L8NQ&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=15>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARTINO, L. M. S. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

OLIVEIRA, T. C. L. L. de; RANIERI, P. R. As redes de streaming e a mudança no cenário de consumo de conteúdos audiovisuais. XIII Jornada de Iniciação Científica e VII Mostra de Iniciação Tecnológica. **Anais**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

OMOLUBÁ. **Doutrina e práticas umbandistas**: cadernos de Umbanda. São Paulo: Ícone, 2014.

OXOSSI Ibo Caçador. **Viva a Umbanda / gira completa**. YouTube, 9 jul. 2022. 1 vídeo (1h30min59s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VcEKzZ_y47o&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=14. Acesso em: 9 jan. 2023.

RIVAS NETO, F. Introdução ao conceito de axé. **Revista Estudos Afro-Brasileiros**, v. 1, n. 1, maio / ago. 2020. Disponível em: <http://www.estudosafrobrasileiros.com.br/index.php/eab/article/view/14/12>. Acesso em: 3 mar. 2023.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**: Exu como educação. Revista Exitus, Santarém, v. 9, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2237-94602019000400262&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 3 mar. 2023.

SIMAS, L. A. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.